君と僕の歌
world's end
story
橋本紡
Tsumugu Hashimoto
illustration
高野音彦
Otohiko Takano

Kimi to Boku no Uta

World's End

Nossa Canção

Fim do Mundo

⇢ Novel JP ⇠

Kimi to Boku no Uta

World's End

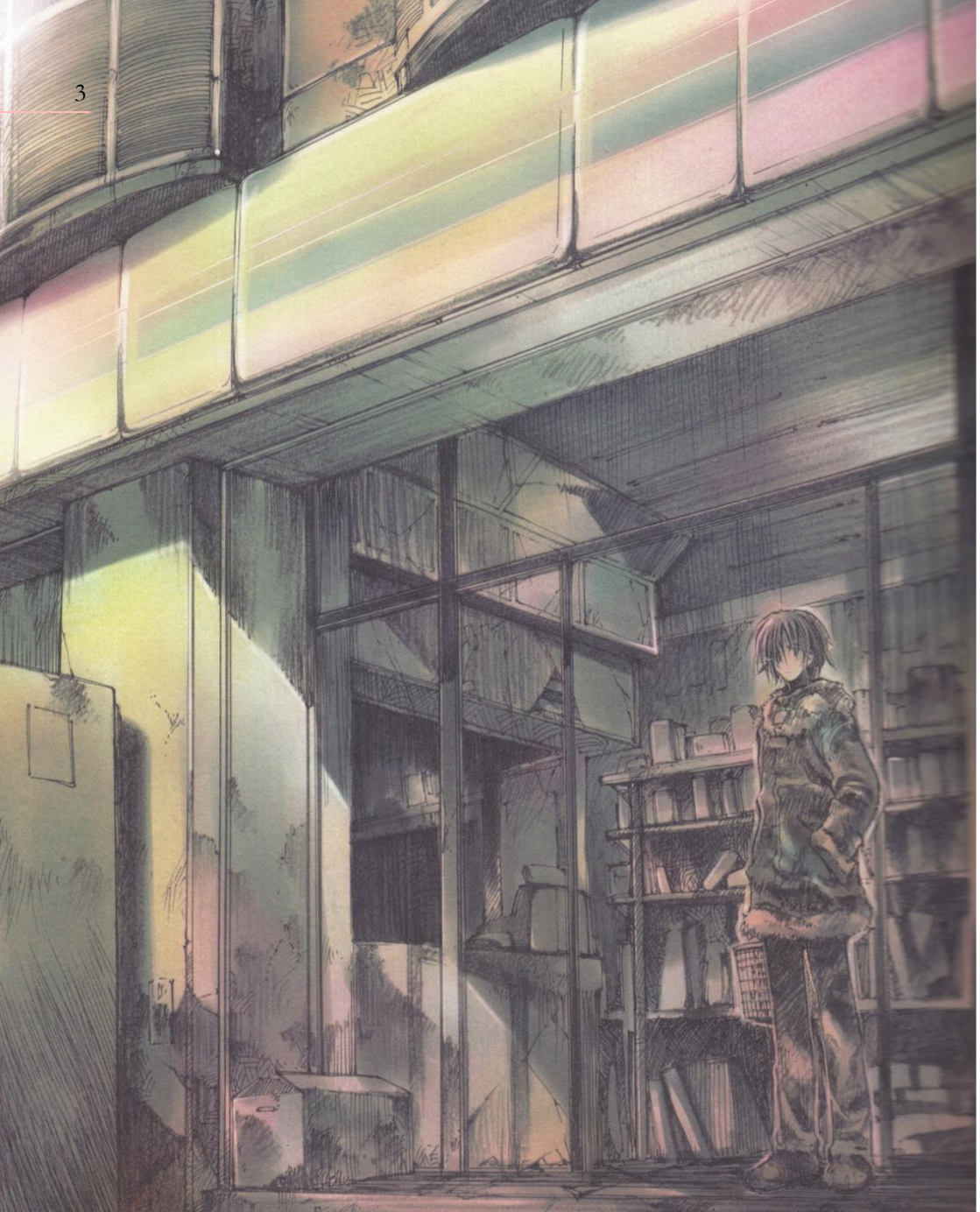
Nossa Canção
Fim do Mundo

E então, nossos caminhos se cruzaram —

história
橋本紡
Tsugumu Hashimoto

arte
高野音彦
Otohiko Takano

Publicado
25 Março 2004



O supermercado estava envolto em silêncio e escuridão.

Sozinho, caminhei pela loja como um peixe passageiro. Arroz pronto, lata de sardinha e uma garrafa de água mineral foram as coisas que pus na cesta.

Parei em frente a banca de revistas.

Mesmo que o inverno tenha chegado, as revistas à mostra falam apenas sobre assuntos relacionados ao verão. Idols sorridentes de biquínis estampam a capa dessas revistas. Também tentei sorrir como ela, mas meu rosto refletido no vidro das janelas mostravam apenas uma tentativa de sorriso. Mesmo que seja o sorriso de uma idol, eu diria que você não ficaria feliz ao vê-lo todos os dias.

Já peguei tudo que preciso, agora saio do supermercado.

Claro que não paguei.

Pessoas que trabalham no caixa não existem mais.

Comi meu jantar acompanhado pelo barulho do gerador elétrico.

Esquentei o arroz pronto, abri a lata de sardinha e bebi a água mineral.

Meu quarto fica na periferia de Nishu-shinjuku, um único cômodo de seis tatames. Através da pequena janela, posso ver vagamente os grandes edifícios assim como as grandes avenidas monocromáticas, tudo está banhado pela luz da lua esta noite. Não há famílias com suas luzes acesas. Os grandes apartamentos residenciais pareciam lápides escuras.

Talvez eles realmente sejam lápides, para os humanos que não existem mais.

Na verdade, sendo um estudante universitário, não faço a menor ideia do porque isso aconteceu.

No início, vi apenas um jornal falando que uma febre misteriosa foi descoberta na América Central. Pouco tempo depois, uma epidemia se espalhou pela América. Seguindo a América, veio a Europa, então África e Ásia... a doença cobriu o mundo todo. Provavelmente ninguém soube quando ou porque a doença surgiu.

A maioria das pessoas não sobreviveram.

Após apenas meio ano, a humanidade foi exterminada.

Para falar a verdade, eu nem sei porque ainda estou vivo.

Talvez eu seja sortudo, ou talvez eu tenha algum anticorpo especial em mim.

Pang.

Pang.

A bola acerta a parede continuamente, fazendo os sons. Eu costumava jogar tênis de vez em quando. Certamente, não existe mais ninguém que possa jogar tênis comigo, eu estava apenas jogando com a parede.

Pang.

Pang.

A bola continua voando da parede até mim.

Logo me canso e me deito no chão.

Céu azul.

O canto dos pássaros.

Ar fresco

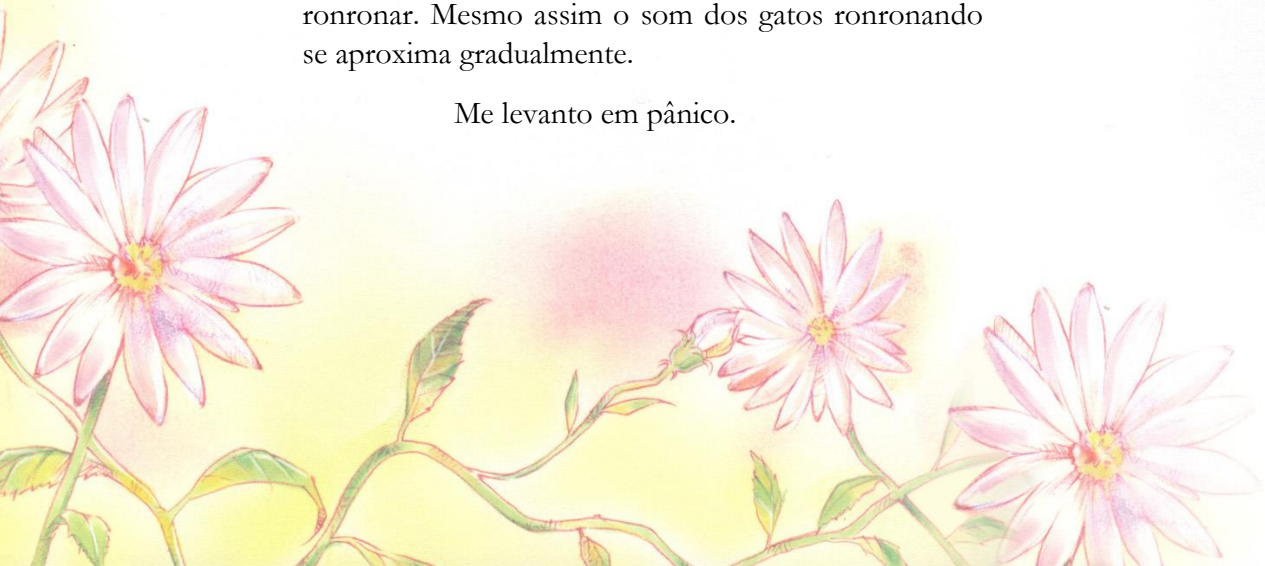
Embora a humanidade tenha sido exterminada. O mundo não mudou nem um pouco.

Alguns podem pensar que isso é inacreditável, mas acho que isso é natural.

Fecho meus olhos, regulo minha respiração devagar.

Pouco tempo depois, de repente, escuto gatos miando em algum lugar. Eles miam e ronronam. Que estranho, sempre pensei que os gatos ronronavam desse jeito quando queriam pedir comida para as pessoas, mas não há ninguém por perto, portanto não há razão para ronronar. Mesmo assim o som dos gatos ronronando se aproxima gradualmente.

Me levanto em pânico.



Eu estava chocado.

Uma garota estava passeando pelo caminho do parque. Atrás dela vinham inúmeros gatos — prestos, brancos, marrons, gatos de várias cores, gatinhos...

Chegavam a ser mais de cem.

— Um...

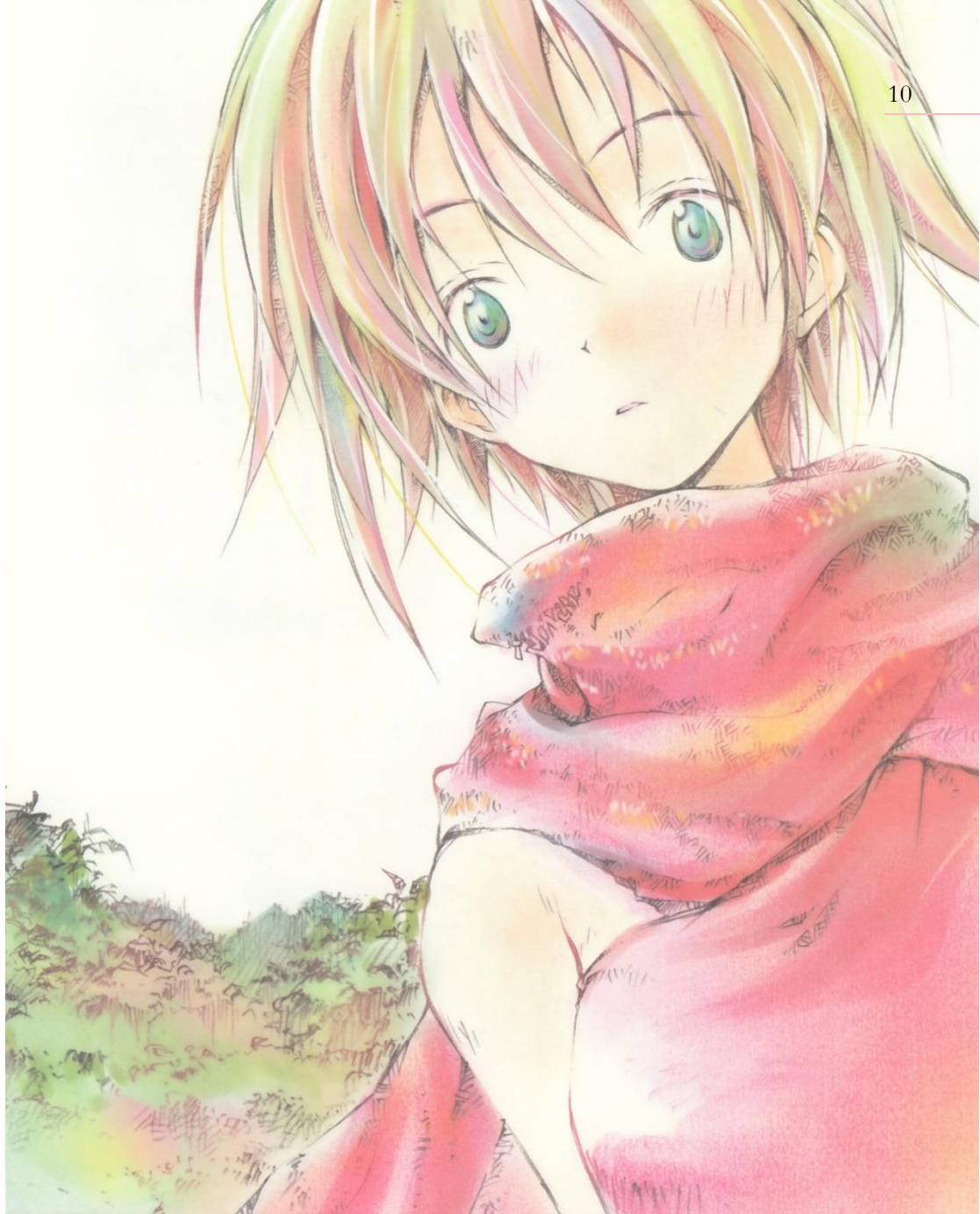
Falei por reflexo. Faz cinco meses desde a última vez que vi uma pessoa. Por isso pensei que fosse o único humano ainda vivo. Talvez a pessoa diante de mim seja apenas uma alucinação, uma alucinação da minha cabeça já que não aguentei ficar sozinho.

Ela me viu.

— O que eu deveria fazer com esses gatos?

Ela se pergunta confusa.

— Dei a eles um pouco de comida e agora todos eles estão me seguindo.



Existem todos os tipos de pessoas nesse mundo.

Elas realmente existem.

Quando os humanos estão em seus últimos minutos, eles expõem seu lado mais feio.

Portanto, foi difícil manter a sanidade. Até mesmo para mim, posso enlouquecer se continuar vivendo sozinho. Talvez eu já tenha enlouquecido.

Ela disse isso esta noite.

— Sou um corpo de investigação.

— Corpo de investigação?

— A vida inteligente deste planeta está sendo exterminada. Antes da sua completa extinção, eu devo fazer registros.

— Então você é um ser cósmico?

— Não exatamente. Sou um corpo de investigação, não um ser cósmico. Máquinas com vida não existem.

Assenti cuidadosamente.

— Você se parece com um humano para não me assuste e fuja?

— Isso. Você entende rápido.

Insistindo em me investigar, ela começa a viver comigo.

Quando perguntei seu nome, ela respondeu:
— O que é um nome?
— É uma forma de se referir aos indivíduos.
— Ok, entendi. Eu não tenho um. Você pode escolher um para mim.
— Então vou te chamar de ***Snow***.
Eu a chamei de ***Snow*** porque é inverno.
Foi simples demais?

Não acreditei em nada do que ela disse, mas posso perceber que Snow é uma pessoa estranha da cabeça aos pés.
Ela não sabe de nada.
Ela queimou arroz pronto.
Continua mordendo a lata com seus dentes.
Ela definitivamente acredita que há um ser vivo dentro do gerador.

Quando ela dormiu, dei uma espiada em seu rosto.
Ela dorme profundamente, sua respiração é extremamente estável. Ela se parece com qualquer outra garota. Mas se você insistir de que ela é uma máquina viva, eu não negaria a possibilidade.

Em seu braço, entretanto, há uma marca estranha.
Olho para o símbolo.
Um ser cósmico?
Um corpo de investigação?

Quem sabe?

Eu a ensinei a jogar tênis.

Pang.

Pang.

A bola continuava voando entre eu e ela.

Pang.

Pang.

Gradualmente, ela se tornou adepta a isso.

Pang.

Pang.

A bola continua voando entre eu e ela.

Quando paramos de jogar tênis, fomos até um canto do parque.

O grande e simbólico carvalho estava ali.

Kana dormia eternamente em suas raízes.

— O que é isso?

Snow me pergunta, apontando para a tábua fincada ali.

— Ela era uma pessoa que eu conhecia. Pessoas são enterradas aqui depois que elas morrem.

— Então vocês humanos enterram os mortos sob a terra?

— Isso.

— Então você vem aqui de vez em quando?

— É.

Despejo a garrafa de água, ela molha as raízes do carvalho encobertas pelo solo.

— Seria ótimo se eu tivesse uma lata de pêssegos.

— Uma lata de pêssegos?

— Eu poderia me animar se tivesse uma.

Encontrei Kana neste parque.

Ela estava deitada na estrada.

A sujeira estava cobrindo ela, sua roupa esfarrapada, sem sapatos. Quando a segurei, seu corpo estava quente como um aquecedor de bolso, ela já estava doente.

Mesmo assim, a levei para o meu quarto e cuidei dela.

Após três dias de febre e pesadelos, ela acordou.

—N-não...

Olhando para mim, ela fazia barulhos de quem estava com muito medo.

Humanos em seus últimos momentos expõem seu lado mais feio.

Kana não queria acreditar em mim não importa o quê.

Ela me lançava olhares suspeitos para mim e até mesmo tremia incessantemente perto de mim. Quando ela dormia durante a noite, ela se trancava no banheiro, segurando as chaves firmemente.

Foi apenas no sétimo dia que pude, depois de muito esforço, vê-la sorrir.

Quando perguntei o que ela queria comer, ela disse:

— Uma lata de pêssegos.

Então fui ao supermercado na rua ao lado para procurar, já que não havia nenhuma no mercado dessa rua.

— Obrigado.

Era engasgado, mas ainda um sorriso.

E este foi o último sorriso que eu vi.

Na manhã seguinte ela parou de respirar.

Durante a noite, ***Snow*** me tirou do flashback sobre Kana.

— Kazufumi, você parece estranho.

— O que quer dizer?

— Esteve murmurando por um tempo.

— Estava pensando sobre umas coisas.

— Humanos murmuram quando estão pensando?

— Depende do que eles estão pensando.

Alguma coisa balançou levemente em meu coração.

O mundo estava envolto pelo brilho da lua.

A luz da lua parecia com o mar.

Perdi tudo o que eu tinha.

O mundo estava submerso no fundo do mar.

Ondulando e tremulando.

Parei de pensar sobre o que eu queria ter.

Nada seria perdido se nada fosse conquistado.

Mesmo que os humanos não existam mais, o sol ainda nasce e se põe, o vendo ainda fica gelado. Alguma coisa também estava mudando em meu coração, certeza, mas não faço ideia do quê ou por quê.

— Kazufumi, o que há de errado?

Snow perguntou.

— Ultimamente não tenho vontade de murmurar. Quero ir a algum lugar agora mesmo. — Disse enquanto vestia meu casaco. — Tenho algo a fazer. Estou saindo.

— Ok, estou indo também.

— Você não tem que vir. Estou com pressa.

Saio correndo, ignorando o rosto e os olhos preocupados de ***Snow***. Nada será perdido desde que eu não tenha nada.

Andei sem rumo.

Meus ouvidos eram maltratados pelo vento frio, meus dedos dos pés estavam entorpecidos. Mesmo assim continuei andando. Mas não havia um destino.

Seria ótimo se eu acabasse andando até o Polo Sul.

Só deixar a cidade já seria maravilhoso.

Viveria sozinho de novo; acordar sozinho, comer sozinho; dormir sozinho. Ninguém iria me perturbar; ninguém iria me destruir. Não é melhor abandonar as coisas antes de perde-las? Nada é mais simples que isso. Snow pode se sentir sozinha por um tempo, mas logo logo ela vai se acostumar.

Pensei seriamente sobre isso.

Depois de um tempo, vejo a estação de Shinjuku.

Sem maiores considerações, atravesso a entrada de tickets e sigo em frente.

— Ei, bom dia!

— Acompanhando a voz, sigo meu caminho até o décimo segundo trilho.

Na plataforma estava um homem de meia idade vestindo um terno cinza, camisa branca e gravata azul.

Então ainda haviam sobreviventes...

Enquanto ainda estava surpreso, o homem de falou:

— O trem está atrasado.

— O quê?

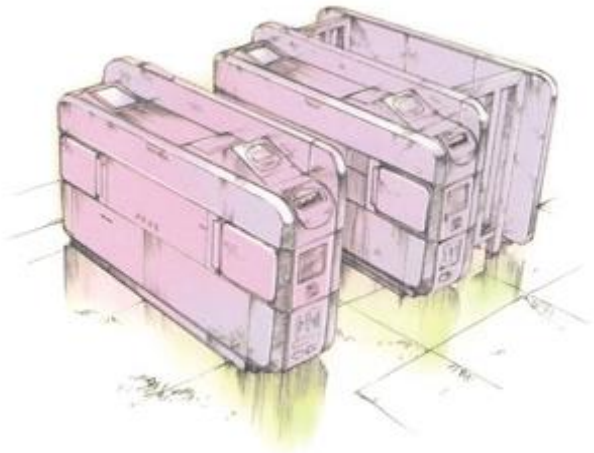
— Isso é um problema. Tenho um compromisso, entende?

O homem de meia idade começa a rir.

Olhando mais de perto, vi sua jaqueta amassada.

Parte da sua camisa estava manchada de óleo.

Um brilho louco preenchia seu olhar.



Porque o trem não veio?

— Como seria bom se o trem chegasse mais cedo!

Exclamei e me afastei da plataforma, desci as escadas, saltando um degrau em cada passo.

Quando voltei para o quarto, não pude encontrar ***Snow***.

— ***Snow***?

Apenas meu som reverberou no pequeno quarto.

Esperei uma hora.

Esperei duas horas.

Esperei três horas.

Snow não voltou.

O pôr do sol tingiu o mundo de carmesim.

Procurei por ***Snow*** sob esses raios de sol. O supermercado que costumávamos ir — ela não estava lá; a livraria da encosta — ela não estava lá; a quadra de tênis — ela não estava lá;

De repente, me lembro de algo e vou para o local onde Kana descansa.

Colocaram erva de gato nas raízes do carvalho.

— Ela veio aqui...

Uma vez falei para ela que uma oferenda importante deve ser posta em um túmulo.

— Você está errada, ***Snow***.

Quando percebi, eu estava correndo e falando comigo mesmo.

— Kana não ficará feliz se você oferecer erva de gato.

Procurei por todo lado: no parque escuro, nos becos entre os edifícios, nos lados da estrada pintados de graffiti — Continuei correndo apesar da minha dificuldade em respirar. Continuei chamando seu nome, minha voz ecoava na cidade vazia.

Medo e ansiedade quase me deixaram louco. Comecei a me questionar.

Por que estou me esforçando tanto? Ela não é só uma garota com uma personalidade estranha? Quem se importa de onde ela veio e para onde ela vai? Veja, não estou sozinho como desejei? Mas por que estou chamando por ela? Por que estou correndo? O que estou procurando?

Snow! Onde você está?

De repente, algo pula do muro.

Um gato marrom escuro.

Vários gatos apareceram em seguida.

Gatos pretos, brancos, marrom escuros, coloridos, gatinhos...

Observei o fim da rua lateral.

Snow estava lá.

Ela estava passeando, liderando uma centena de gatos.

Quando me viu, ela sorriu.

— Dei a eles um pouco de comida e agora eles estão me seguindo.

— Para... para onde você foi?

Eu estava ofegante; estava com sede.

Ela me deu um objeto cilíndrico.

— Eu acho, Kazufumi, que você vai se animar de tiver uma dessas.

Uma lata de pêssegos.

— Não encontrei no supermercado que nós vamos, então procurei em uma loja mais distante.

Uma centena de gatos estavam ronronando e miando ao nosso redor.

— Os gatos parecem estar cantando.

Snow disse ouvindo eles ronronarem. Seus lábios estavam roxos por causa do frio. Suas bochechas estavam vermelhas. Até onde ela foi para encontrar essa lata de pêssego?

— Como uma música feliz...

Enquanto ela falava, eu a abracei sem pensar duas vezes. Senti, inesperadamente, neste primeiro abraço, seu corpo frio.

Mesmo assim, sua respiração estava quente.

Mais quente que qualquer coisa.

Snow não veio aqui para gravar registros sobre mim?

Se ela fosse realmente um corpo de investigação —

Tristeza, felicidade, desespero, esperança, até mesmo amor e a sensação de perda —

Seriam gravadas de qualquer forma.

— Vamos voltar, ***Snow***.

Minha voz tremeu quando falei.

— Para o nosso lar.

Autores

Tsugumu Hashimoto

Outros trabalhos (história)

Hanbun no Tsuki ga Noboru Sora

Otohiko Takano

Outros trabalhos (arte)

Ashita, Kyou no Kimi ni Aenakutemo